



OPERAÇÃO TAQUARI 2: desastre no Rio Grande do Sul

Atuação do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais em apoio à Defesa Civil

Dirlei Donizette Codo *

Chuvvas intensas e acima das médias anuais combinadas com as características do relevo, hidrografia e a densa ocupação territorial geraram inundações que provocaram vítimas fatais, feridos, desaparecidos, morte de animais de criação e de estimação. Somam-se a destruição de infraestruturas (estradas, pontes, aeroportos, portos, rede elétrica, rede de água potável, rede de comunicações etc), de construções públicas (sedes de governo, escolas, hospitais, delegacias etc), bem como de residências, prédios comerciais, fábricas e de tudo mais que a força da natureza pôde carregar e destruir.

Há um precedente histórico de evento similar, a cheia ocorrida em 1941, que registrou a vulnerabilidade do estado do Rio Grande do Sul às inundações, devido às características topográficas e hidrográficas da região. O desastre de grande magnitude de 2024 superou o ocorrido em 1941, tanto pela violência do fenômeno natural, quan-

to pela área e população atingidas, uma vez que, decorridos 73 anos, a região foi ocupada com mais habitações e áreas destinadas às atividades agropecuárias e empresariais, consequência do aumento da densidade populacional e da diversificação da economia nas últimas décadas.

Em setembro de 2023, já havia ocorrido chuvas intensas que causaram grandes prejuízos e levaram as Forças Armadas a conduzir a nomeada Operação Taquari, em socorro à população gaúcha afetada. O nome refere-se à Região do Vale do Taquari, situada a Noroeste do município de Porto Alegre, capital do estado do Rio do Grande do Sul, que abrange quarenta municípios da região central do estado, com população formada por várias etnias, entre elas destacam-se as de origem alemã e italiana, abrigando aproximadamente quatrocentos mil habitantes.

No final de abril de 2024 foi retomada operação similar, denominada Operação Taquari 2, com

estabelecimento do Comando Operacional Conjunto, tendo sido designado o Comandante Militar do Sul (CMS) como Comandante Conjunto, estabelecidos, assim, o Estado-Maior Conjunto, sediado em Porto Alegre-RS, a Força Terrestre Componente (FTC), a Força Aérea Componente (FAC) e a Força Naval Componente (FNC), esta sediada em Rio Grande-RS, sob responsabilidade do Comandante do 5º Distrito Naval (DN).

Nesses primeiros momentos, as tropas e meios já sediados na região, especificamente da Marinha do Brasil, podendo citar a Capitania Fluvial de Porto Alegre (CFPA), o Grupamento de Fuzileiros Navais de Rio Grande (GptFNRG) e o 1º Esquadrão de Helicópteros de Emprego Geral do Sul (EsqdHU-51), somaram esforços às outras Forças e Agências que, usando todos os meios disponíveis, particularmente helicópteros, embarcações e viaturas *off-road* (qualquer terreno), saíram em busca das vítimas em estado de necessidade ou situação de risco.

Em virtude da grande dimensão do desastre e destruição massiva apresentada, foi decidido pelo reforço das forças locais, com meios e pessoal do Comando em Chefe da Esquadra (ComemCh) e do Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra (ComFFE), sendo ativado o Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais em Apoio à Defesa Civil-RS (GptOpFuzNav-ApDefCiv-RS), composto por aproximadamente quatrocentos fuzileiros navais, sessenta viaturas diversas e equipamentos pesados de engenharia de combate, duas estações de tratamento de água e vinte embarcações pneumáticas e de transporte de tropa. Além disso, esse grupamento era composto pelo Hospital de Campanha da Marinha (HCmp), nucleado na Unidade Médica Expedicionária da Marinha (UMEM), subordinada ao Comando da Tropa de Reforço, com médicos e enfermeiros da própria UMEM reforçados pela Equipe de Pronto Emprego de Saúde (EPE-S) da Diretoria de Saúde da Marinha (DSM). O grupamento contava ainda com a Equipe de Pronto Emprego de Assistência Social (EPE-AS) da Diretoria de Assistência Social da Marinha (DASM), composta por assistentes sociais, psicólogos, assessores jurídicos, enfermeiros e capelão, que tinham por foco o atendimento externo, ou seja, a população afetada, bem como



Município de Eldorado do Sul-RS com 80% de sua área afetada pela inundação

a realização de atendimentos internos, de nossos próprios militares que, devido à ausência prolongada de suas residências ou à comoção perante o desastre, precisavam de auxílio especializado para estarem em plenas condições físicas e psicológicas para desempenhar suas tarefas de apoio à sociedade gaúcha.

O envio de pessoal e meios do ComFFE e ComemCh para atuar na região da grande Porto Alegre permitiu que os meios do 5º DN atuando naquela região pudessem ser revertidos para a região do município de Rio Grande-RS. Naquela cidade, os níveis de alagamento estavam em ascensão, devido à descida das águas oriundas das regiões mais altas do estado, somado à retenção natural da Lagoa dos Patos e ventos vindos da direção Sul, que dificultavam o escoamento dessas águas para o mar.

Entre as diversas ações a serem executadas, foram estabelecidas prioridades, baseadas em teorias de sobrevivência, uma vez que, obviamente, o que mais importava era a salvaguarda de vidas humanas. Considerou-se a denominada “regra dos três”⁽¹⁾, que resumidamente estabelece parâmetros a serem considerados para a manutenção da vida: três minutos sem oxigênio, três horas sem regulação térmica, três dias sem água potável e três semanas sem alimentos. Considerou-se, ainda, a teoria da “Hierarquia das Necessidades de Maslow”⁽²⁾.

O estabelecimento de prioridades também era realizado em reuniões diárias, que envolviam todas as Agências envolvidas nos trabalhos de



socorro e recuperação, chamado Sistema de Comando de Incidentes (SCI). Essas reuniões inicialmente eram mediadas por elementos do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), da Brigada Militar (denominação gaúcha para a Polícia Militar), que apresentavam a metodologia, e posteriormente os prefeitos e secretários municipais passaram a conduzi-las.

Desta forma, foram envidados esforços para as Ações de Resgate, com emprego de helicópteros e embarcações, buscando pessoas que ficaram isoladas e que tiveram suas residências destruídas, sofrendo assim de ferimentos, hipotermia e falta de água potável. Após resgatadas, as pessoas em estado de necessidade eram conduzidas para o HCmp instalado no município de Guaíba-RS, para receberem o atendimento emergencial de saúde e, assim que recebiam alta, eram encaminhadas para abrigos da prefeitura.

Com o decorrer dos dias, as ações de resgate foram escasseando, de forma que o esforço maior passou a ser na distribuição de água potável, seja oriunda de doações ou da estação de tratamento d'água instalada por militares do Batalhão de Engenharia de Fuzileiros Navais; e na distribuição de cestas básicas, composta por alimentos de primeira necessidade e material de higiene pessoal e limpeza. Simultaneamente a essas tarefas, iniciaram-se as chamadas "Ações Recuperativas", quais sejam, reconhecimento dos danos, com a avaliação expedita de pontes e outras estruturas afetadas, a hercúlea tarefa de retirada dos escom-

bro, areia, árvores, veículos etc, que dificultavam ou impediam a mobilidade, e as Ações Cívico-Sociais (ACISO), que focaram na limpeza, higienização e reforma de escolas públicas. Essas ACISO, em específico, trouxeram um benefício duplo à população, porque propiciavam o retorno dos alunos às aulas e, no período que estes estavam nas escolas, os pais e responsáveis tinham mais tempo para limpar e arrumar seus lares que foram afetados.

Na Operação Taquari 2 ficaram evidenciadas as principais características das tropas de fuzileiros

navais, quais sejam, a prontidão operativa, a capacidade expedicionária e a capacidade anfíbia. A prontidão foi obtida com a própria constituição do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais em Apoio à Defesa Civil (GptOpFuzNav-ApDefCiv) (QA - Quando Ativado), ou seja, não só para este desastre, mas a FFE, anualmente, se prepara para desafios desta natureza, haja vista experiências similares ocorridas no passado recente, entre outras, nos municípios de Nova Friburgo-RJ (2011), Petrópolis-RJ (2022), São Sebastião-SP (2023) e Mimoso do Sul-MG (2024). Este Grupamento tem um comandante designado e um Estado-Maior constituído, pessoal, meios e viaturas segregadas para atuar em qualquer estado da Federação ou mesmo no exterior, estando em condições de ser transportado pelos modais marítimo, terrestre e aéreo.

Particularmente nesse evento, foi possível a realização do transporte nestes três modais, com o envio do Grupo Avançado por aeronave KC-390 da Força Aérea Brasileira (FAB), transportando o Comandante do Grupamento, o Diretor do HCmp e parcela da tropa e pessoal de saúde, com o restante do pessoal e material sendo levado pelo Navio-Aeródromo Multipropósito (NAM) "Atlântico" e, finalmente, os Carros Lagarta Anfíbios (CLANF), que não puderam seguir no NAM, sendo transportados por cavalos mecânicos do Batalhão Logístico de Fuzileiros Navais por rodovias do Rio de Janeiro-RJ até Guaíba-RS, mostrando assim, notável capacidade expedicionária, que fica ainda mais



Viatura blindada PIRANHA e Pá Carregadeira em tarefas de apoio à mobilidade

evidente com a autossuficiência do GptOpFuzNav, traduzida pela dotação deste de barracas de campanha, itens de estacionamento em geral, sanitários químicos, geradores de energia, cisternas de água e combustível, estações expedicionárias de tratamento d'água, cozinhas de campanha que usam diesel em vez de gás, diversidade de viaturas e embarcações, além do HCmp, que preserva a higidez física e psíquica dos fuzileiros navais. Esta característica expedicionária é extremamente desejável neste tipo de operação, pois não faz sentido uma força se deslocar para a área do desastre e se tornar um “problema logístico” para as autoridades e agências locais.

No tocante à capacidade anfíbia, ressalta-se a inédita participação dos CLANF em uma Operação de Assistência Humanitária em território nacional. A versatilidade desta viatura blindada contribuiu de forma significativa em todas as etapas de mitigação ao desastre, por ser sobre lagartas, blindada e com capacidade de navegação, colaborando também para que os fuzileiros navais ficassem conhecidos como “Aqueles que chegam onde ninguém chegava”. Os CLANF superaram os obstáculos mais desafiadores e navegaram entre as localidades alagadas; suas rampas de acesso à viatura facilitaram o resgate de pessoas enfermas



CLANF em ação de resgate

ou com dificuldade de locomoção quando comparada aos caminhões com carrocerias altas; e as “Patrulhas Anfíbias”, em conjunto com a Brigada Militar aumentaram a sensação de segurança e inibiram criminosos oportunistas que tentavam saquear as residências e prédios de empresas inundadas.

As ações anteriormente relatadas referem-se à atuação do 1º Contingente do GptOpFuzNav-Ap-DefCiv-RS que atuou nos municípios de Guaíba, Eldorado do Sul e Arquipélago de Porto Alegre no período de 5 de maio a 7 de junho, totalizando os seguintes números:

- resgate de 610 pessoas e 114 animais;
- recolhimento de 1.830 m³ de escombros e corte de onze árvores para desobstrução de vias;
- distribuição de seiscentas toneladas de doativos;
- produção e distribuição de 135.000 litros de água potável;



Reinauguração da Escola Municipal de Educação Infantil Santa Rita de Cássia – Guaíba (RS)

- três mil atendimentos do HCmp quando operando em Guaíba (no fim de maio, o mesmo foi transferido para Rio Grande, deixando de ser subordinado ao GptOpFuzNav-ApDefCiv-RS e passando à subordinação direta da FNC); e
- limpeza, higienização e reforma de três escolas públicas.

Como a Operação Taquari 2 continuaria em curso, já havia previsão do envio do 4º Contingente para atuar até o final de setembro de 2024; dessa maneira, os números anteriormente citados, com exceção dos resgates, podem ter sofrido grande incremento.

Com honra, competência, determinação e profissionalismo, os fuzileiros navais mostraram total empatia pelos irmãos gaúchos afetados pelo desastre. Mais uma vez o lema *ADSUMUS* se fez valer com muita propriedade...

*Aqui estamos para ajudar...
Aqui estamos para fazer o melhor...
Aqui estamos porque somos brasileiros!*

Também com muita propriedade, se fez valer um dos lemas da nossa Marinha do Brasil:

**“Protegendo nossas riquezas,
CUIDANDO DA NOSSA GENTE!” ■**

NOTAS

(1) <https://www.sed-international.net/PT/SOBREVIVENCIA/CONSELHOS/REGRA%20DOS%203/index.html>

(2) A hierarquia de necessidades de Maslow é uma teoria da psicologia proposta por Abraham Maslow, que define cinco categorias de necessidades humanas: fisiológicas, segurança, afeto, estima e as de autorrealização. Esta teoria é representada por uma pirâmide onde na base se encontram as necessidades mais básicas pois estas estão diretamente relacionadas com a sobrevivência. Apesar da popularização do esquema em formato de pirâmide, esta representação da teoria não foi elaborada por Maslow, mas sim por Charles McDermid em 1960, em uma adaptação da teoria.

* Capitão de Mar e Guerra (FN), atual Comandante da Tropa de Desembarque e Comandante do Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais em Apoio à Defesa Civil (1º Contingente)